

FICHA TÉCNICA

Título original: *Far from the Madding Crowd*

Autor: *Thomas Hardy*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução e notas: *Catarina F. Almeida*

Imagem da capa: *Arcangel Images*

Capa: *Vera Espinba / Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, julho, 2015

Depósito legal n.º 395 000/15

Reservados todos os direitos desta edição à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59 — Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

EXCERTO DO PREFÁCIO DO AUTOR	11
CAPÍTULO UM: Descrição do Lavrador Oak — Um Incidente	13
CAPÍTULO DOIS: Noite — O Rebanho — Um Interior — Um Outro Interior	19
CAPÍTULO TRÊS: Rapariga a Cavalo — Uma Conversa	27
CAPÍTULO QUATRO: A Decisão de Gabriel — A Visita — O Erro	35
CAPÍTULO CINCO: A Partida de Bathsheba — Uma Tragédia Pastoral	45
CAPÍTULO SEIS: A Feira — A Viagem — O Incêndio	50
CAPÍTULO SETE: Reencontro — Uma Rapariga Tímida	60
CAPÍTULO OITO: A Casa de Malte — Uma Conversa — Notícia	64
CAPÍTULO NOVE: A Quinta — Uma Visita — Meias Confidências	82
CAPÍTULO DEZ: A Patroa e os Homens	88
CAPÍTULO ONZE: À Porta do Quartel — Neve — Um Encontro	95
CAPÍTULO DOZE: Os Lavradores — A Regra — A Exceção	100
CAPÍTULO TREZE: <i>Sortes Sanctorum</i> — O Cartão de São Valentim	105
CAPÍTULO CATORZE: Efeito da Carta — O Nascer do Sol	110
CAPÍTULO QUINZE: Um Encontro Matinal — A Carta de novo	114
CAPÍTULO DEZASSEIS: Todos os Santos e Todas as Almas	125

CAPÍTULO DEZASSETTE: No Mercado	128
CAPÍTULO DEZOITO: Boldwood em Meditação — Arrependimento	131
CAPÍTULO DEZANOVE: A Lavagem das Ovelhas — A Proposta	136
CAPÍTULO VINTE: Perplexidade — Afiando a Cisalha	
— Um Conflito	142
CAPÍTULO VINTE E UM: Problemas no Redil — Uma Mensagem	149
CAPÍTULO VINTE E DOIS: O Grande Celeiro e os Tosquiadores	
de Ovelhas	156
CAPÍTULO VINTE E TRÊS: Entardecer — Uma Segunda Declaração	167
CAPÍTULO VINTE E QUATRO: Na Mesma Noite — O Pinhal	174
CAPÍTULO VINTE E CINCO: Descrição do Recém-Chegado	181
CAPÍTULO VINTE E SEIS: Cena à beira do Campo de Feno	185
CAPÍTULO VINTE E SETE: A Enxameação das Abelhas	195
CAPÍTULO VINTE E OITO: A Cova no Meio dos Fetos	199
CAPÍTULO VINTE E NOVE: Pormenores de Um Passeio ao Crepúsculo...	205
CAPÍTULO TRINTA: Faces Quentes e Olhos Húmidos	213
CAPÍTULO TRINTA E UM: Culpa — Fúria	218
CAPÍTULO TRINTA E DOIS: Noite — O Tropel dos Cavalos	227
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS: Ao Sol — Um Mensageiro	236
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO: Regresso a Casa — Um Impostor	244
CAPÍTULO TRINTA E CINCO: À Janela do Primeiro Andar	255
CAPÍTULO TRINTA E SEIS: Fortuna em Perigo — A Festa	260
CAPÍTULO TRINTA E SETE: A Tempestade — Os Dois Juntos	268
CAPÍTULO TRINTA E OITO: Chuva — Um Solitário Encontra Outro ...	275
CAPÍTULO TRINTA E NOVE: Regresso a Casa — Um Grito	279
CAPÍTULO QUARENTA: Na Estrada de Casterbridge	284
CAPÍTULO QUARENTA E UM: Suspeita — Manda-se Buscar Fanny	291
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS: Joseph e a Sua Carga — A Cabeça	
de Veado	302

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS: A Vingança de Fanny	313
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO: Sob Uma Árvore — Reação	323
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO: O Romantismo de Troy	330
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS: A Gárgula: Suas Façanhas	335
CAPÍTULO QUARENTA E SETE: Aventuras na Costa	343
CAPÍTULO QUARENTA E OITO: Dúvidas Surgem e Perduram	346
CAPÍTULO QUARENTA E NOVE: A Promoção de Oak — Uma Grande Esperança	351
CAPÍTULO CINQUENTA: A Feira de Ovinos — Troy Toca na Mão da Sua Mulher	357
CAPÍTULO CINQUENTA E UM: Bathsheba Conversa com o Seu Acompanhante	371
CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS: Convergências	380
CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS: <i>Concurritur</i> — <i>Horae Momento</i>	391
CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO: Depois do Choque	403
CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO: Março Seguinte — «Bathsheba Boldwood»	408
CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS: Beleza na Solidão — Apesar de Tudo ...	413
CAPÍTULO CINQUENTA E SETE: Uma Noite e Uma Manhã de Nevoeiro — Conclusão	422
NOTAS DA TRADUTORA	429
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA PELA TRADUTORA	445

EXCERTO DO PREFÁCIO DO AUTOR¹

Foi nos capítulos de *Longe da Multidão*², à medida que iam aparecendo mensalmente numa revista popular³, que me aventurei pela primeira vez a usar a palavra «Wessex»⁴. Recuperei-a das páginas iniciais da História de Inglaterra, mas atribuí-lhe um significado fictício, enquanto nome do distrito outrora integrado nesse reino já desaparecido. Pertencendo esta série de romances que criei essencialmente ao género designado *local*, pareceu-me que careciam de uma definição territorial que lhes conferisse uma unidade de lugar. Vendo que a área correspondente a um só condado não oferecia uma tela com dimensões suficientes para cumprir esse desígnio e que o uso de um nome inventado suscitava algumas objeções, decidi desenterrar um nome antigo.

Desde então, a designação que eu julgara reservada aos horizontes e paisagens de um território em parte real, em parte sonhado, tornou-se cada vez mais popular como uma entidade útil; e o lugar imaginado foi-se concretizando, aos poucos, numa região que as pessoas podem visitar, onde podem comprar uma casa e de onde podem escrever para os jornais. Mas eu peço a todos os bons leitores que esqueçam isto e que se recusem terminantemente a acreditar que existem quaisquer habitantes do Wessex vitoriano fora das páginas destes volumes em que as suas vidas e relações são descritas.

Além disso, a aldeia chamada Weatherbury⁵, onde têm lugar grande parte das cenas desta história, talvez fosse difícil de encontrar para o explorador que a procurasse sem ajuda em qualquer

lugar hoje existente. É certo que a igreja se mantém, por milagre, intacta e sem restauro⁶, assim como um punhado das velhas casas. Mas a antiga fábrica de malte, outrora um traço distintivo da paróquia, entrou em ruína ao longo destes últimos vinte anos, juntamente com uma fiada das pequenas casas com telhado de colmo e lucerna que, em tempos, foram habitadas. Na história, a esplêndida mansão jacobiana⁷ da heroína parece ter-se deslocado, como por encanto, um quilómetro ou dois da sua posição original; em todo o caso, as características que a distinguem são descritas como ainda hoje se apresentam à luz do sol e da lua. O jogo da barra, que há pouco tempo parecia gozar de uma eterna vitalidade em frente dos velhos cepos⁸, é hoje, segundo sei, completamente desconhecido da nova geração de rapazes que aí frequenta a escola. A prática da adivinhação pelo método da Bíblia e da chave, a importância acordada aos cartões de São Valentim, a ceia da tosquia, os compridos camisões dos pastores e a celebração do fim das colheitas quase desapareceram, na esteira das velhas habitações. E, com eles, também se extinguiu, segundo dizem, muito desse amor pela bebida que em tempos deu fama à aldeia. A mudança na raiz deste fenómeno foi a recente substituição dessa classe de camponeses sedentários, que mantinham os velhos humores e tradições, por uma população de trabalhadores mais ou menos migratória, que levou a uma quebra de continuidade na história local, mais fatal do que qualquer outra coisa para a preservação da lenda, do folclore, das relações sociais estreitas e da individualidade excêntrica. Ou não fossem as condições indispensáveis da sua existência o apego à terra de um determinado lugar, geração após geração.

THOMAS HARDY

CAPÍTULO UM

Descrição do Lavrador Oak — Um Incidente

Quando o lavrador Oak sorria, os cantos dos lábios quase lhe tocavam nas orelhas, os olhos reduziam-se a duas fendas e delas partiam rugas que por todo o seu semblante se estendiam como raios de um sol-nascente num desenho rudimentar.

Gabriel era o seu nome de batismo. Em dias de trabalho, era um jovem de discernimento, gestos plácidos, traje adequado e, de um modo geral, bom temperamento. Aos domingos, era um sujeito de ideias vagas, atreito a procrastinar e estorvado pelas suas melhores roupas e pelo seu guarda-chuva. Em suma, alguém que a si próprio se incluía nessa categoria moral dos que ocupam o vasto espaço intermédio da laodicensa⁹ neutralidade, a saber, entre os devotos que comungam e a secção ébria. Isto é, frequentava a igreja, mas bocejava discretamente no momento em que a congregação chegava ao credo de Niceia¹⁰, fugindo-lhe o pensamento para o que seria o jantar em vez de atender ao conteúdo do sermão. Ou enunciando-lhe o carácter tal como se apresentava na balança da opinião pública: quando os seus amigos e críticos estavam de mau humor, Oak era considerado um homem mau; quando a vida lhes sorria, até era um bom rapaz; quando não se verificava nem uma coisa nem outra, passava por alguém que, do ponto de vista moral, não era carne nem peixe.

Tendo em conta que há seis vezes mais dias de trabalho do que domingos, era quando vestia as suas roupas velhas que Oak mais se parecia consigo próprio — sendo a imagem mental que dele

tinham os vizinhos a da sua aparência assim vestido. Usava um chapéu de feltro de copa baixa que alargara na base, devido ao hábito de o encaixar com firmeza na cabeça, não fosse algum golpe de vento levá-lo, e vestia um casaco semelhante ao do Dr. Johnson¹¹. A parte inferior do corpo achava-se contida em vulgares perneiras de cabedal e num par de botas vincadamente largas, que ofereciam a cada pé ampla morada e cuja confeção permitiria àquele que as calçava passar o dia inteiro plantado no leito de um rio e nada saber da humidade — o artesão que as fabricara era um homem escrupuloso, empenhado em compensar a mais pequena falha no corte com generosas dimensões e reforçada robustez.

O Sr. Oak levava com ele, à guisa de relógio de bolso, aquilo que poderia ser qualificado como um pequeno relógio de mesa; por outras palavras, era um relógio de bolso na forma e na intenção e um pequeno relógio de mesa no tamanho. Sendo vários anos mais velho do que o avô de Oak, este instrumento possuía a particularidade de funcionar demasiado depressa ou de não funcionar de todo. Também se dava o caso de o mais pequeno dos seus ponteiros não girar bem em torno do eixo, daí resultando que, embora os minutos fossem anunciados com precisão, ninguém pudesse ter absoluta certeza da hora a que pertenciam. Oak remediava, no seu relógio, esta idiossincrasia de parar de repente com pancadas e abanões, escapando incólume a quaisquer consequências nefastas dos outros dois defeitos por meio da frequente observação do Sol e das estrelas — ou, em alternativa, encostando o rosto à vidraça das janelas dos vizinhos, até conseguir discernir a hora marcada nos mostradores verdes que havia no interior. Convém acrescentar que, sendo de difícil acesso, dada a sua como que cimeira posição no cós das calças (o qual, por sua vez, já era bem subido sob o colete), o relógio de Oak só podia ser extraído, em caso de necessidade, por meio de um arremesso brusco do corpo para um lado, de um franzir dos lábios e da congestão de todo o rosto numa massa informe de carne rosada devido ao esforço, que culminava com um içar do mecanismo pela sua corrente, como se iça um balde do fundo de um poço.

Certas pessoas sérias que o vissem a atravessar a pé um dos seus campos numa manhã de dezembro — ensolarada e inusitadamente amena — talvez pudessem apreciar Gabriel Oak a uma outra luz.

No seu rosto via-se que muitos dos matizes e redondezas da juventude persistiam na idade adulta: demoravam-se até, em recantos mais discretos, certas relíquias da sua meninice. Altura e corpulência teriam bastado para tornar imponente a sua presença, caso ele tivesse sabido valorizá-las. Mas há em certos homens, sejam eles rurais ou urbanos, uma tendência para a mente se adiantar à carne e ao músculo: como se a atitude por si só abreviasse a dimensão. E nessa silenciosa modéstia que não desfeitearia uma vestal e que continuamente parecia recordar-lhe que não lhe cabia reclamar o chão que pisava, Oak caminhava sem pretensões e com uma marreca apenas perceptível, ainda que distinta de um vergar dos ombros. Isto pode ser considerado uma falha num indivíduo se a validação do mesmo depender mais da sua aparência do que do seu bom porte, o que não era o caso de Oak.

Tinha há pouco atingido essa altura da vida em que a palavra «jovem» deixa de ser um qualificativo de «homem» quando se fala de um. Vivía o mais brilhante período da maturação masculina, aquele em que inteligência e emoção se encontram claramente separadas: já passara a fase do impulso, em que a influência indiscriminada da juventude as confunde de forma cega, e ainda não alcançara a do preconceito, em que de novo se reúnem sob a ascendência do casamento e da família. Resumindo, tinha vinte e oito anos e era solteiro.

O campo inclinado em que se encontrava nessa manhã estendia-se pela encosta até ao espinhaço denominado Norcombe Hill. Por um contraforte desta colina, corria a grande estrada que ligava Emminster a Chalk-Newton. Deitando um olhar inadvertido por cima da sebe, Oak viu a descer a encosta à sua frente uma carroça ornamentada, pintada de amarelo-vivo e puxada por dois cavalos. O carroceiro caminhava ao lado, empunhando a chibata na perpendicular. A carroça vinha carregada de móveis e plantas de interior e, no cume da carga, ia uma mulher, jovem e atraente. Gabriel detivera-se naquela visão não mais de meio minuto quando o veículo se viu obrigado a parar mesmo diante dos seus olhos.

— Menina, caiu a prancha de trás — disse o carroceiro.

— Nesse caso, eu ouvi-a cair — replicou a rapariga, numa voz doce embora não demasiado baixa. — Quando vínhamos a subir a colina, apercebi-me de um barulho que não consegui identificar.

— Vou voltar para trás.

— Volte — disse ela.

Os cavalos, sensatos, permaneceram imóveis, e os passos do carroceiro dissiparam-se ao longe.

A jovem sentada no cimo da carga permaneceu quieta, rodeada de mesas e cadeiras reviradas, com as costas apoiadas num banco de carvalho e a frente adornada por uma moldura de gerânios, murta e catos envasados, aos quais se juntava um canário numa gaiola — todos provavelmente saídos das janelas da casa que acabara de vagar. Também havia uma gata numa cesta de vime, que, pela tampa entreaberta, vigiava com ternura, de olhos semicerrados, a passarada em redor.

A bonita rapariga esperou algum tempo sem sair do lugar, e o único som que se ouvia era o dos saltos do canário subindo e descendo os poleiros da sua prisão. A certa altura, a jovem baixou os olhos e fitou algo. Não era o pássaro, ou a gata, que lhe prendiam o olhar, mas um embrulho oblongo, de papel, que se achava no meio dos dois. Virou, então, a cabeça, para ver se o carroceiro vinha a caminho. Ainda não estava à vista; e os olhos dela voltaram a pousar-se no embrulho, os seus pensamentos parecendo concentrar-se naquilo que havia no interior. Por fim, puxou o volume, pousou-o no regaço e desembalhou o papel que o envolvia: deste, tirou um pequeno espelho giratório, no qual se contemplou com atenção. Entreabrindo os lábios, sorriu.

Era uma bela manhã e o sol acendia um fulgor escarlata na jaqueta carmesim que ela trazia vestida, emprestando-lhe um brilho suave ao rosto vívido e aos cabelos negros. A murta, os gerânios e os catos amontoados à sua volta eram verdes e frondosos e, numa estação tão despida de folhas, davam àquele confuso conjunto de circunstâncias — cavalos, carroça, mobília e rapariga — um peculiar encanto primaveril. O que quer que a possuía para se entregar a este espetáculo à vista dos pardais, dos melros e do lavrador inapercebido que eram os seus únicos espectadores — e se o sorriso começara por ser fictício para testar o seu talento nessa arte — ninguém sabe; mas terminou, é certo, num sorriso verdadeiro. A rapariga corou ante si própria e, vendo o seu reflexo tingido, corou ainda mais.

A mudança do lugar apropriado e da ocasião necessária em que se cumpria um tal ato — da hora de vestir no recato do quarto

para um momento de errância fora de portas — revestia o gesto ocioso de uma novidade que não possuía intrinsecamente. O quadro era delicado. A já conhecida fragilidade feminina exibia-se à luz do sol — e esta conferia-lhe uma frescura original. Ao contemplar a cena, Gabriel Oak não conseguiu resistir a uma inferência cínica, embora fosse um homem indulgente: ela não tivera um motivo concreto para se ver ao espelho. Não ajeitou o chapéu, não compôs o cabelo, não alisou os relevos da cara, não fez o que quer que fosse que desse a entender que fora essa a razão por que se servira daquele objeto. Limitou-se a admirar-se a si própria como a um belo fruto da natureza do género feminino, os seus pensamentos parecendo abandonar-se a dramas remotos, ainda que verosímeis, nos quais os homens desempenhariam o seu papel — visões de possíveis triunfos — e os sorrisos sugerindo que se imaginavam corações conquistados e perdidos. Não passavam, contudo, de conjeturas, e havia nos movimentos da rapariga um tão grande alheamento que seria prematuro apontar neles algum tipo de intenção.

Ouviram-se os passos do carroceiro regressando. Ela voltou a pôr o espelho dentro do papel e o embrulho foi devolvido ao seu lugar.

Quando a carroça já tinha seguido caminho, Gabriel retirou-se do seu posto de observação e, descendo para a estrada, perseguiu o veículo até à barreira do pedágio, mais adiante no sopé da colina, onde o objeto da sua contemplação se detinha agora a pagar a portagem. Vinte passos separavam-no ainda da barreira quando ouviu vozes em discórdia. Era uma desavença a respeito de dois dinheiros entre as pessoas que iam na carroça e o portageiro.

— A sobrinha da s'nhora está lá no alto da carga e diz que chega bem aquilo que lh'ofereci, meu grande avarento, e que não dá nem mais um tostão. — Eram estas as palavras do carroceiro.

— Muito bem; então, a sobrinha da s'nhora não pode passar — volveu o portageiro, fechando a barreira.

Oak observou, pensativo, as duas partes do conflito. Esta soma de dois dinheiros parecia-lhe particularmente insignificante. Três dinheiros era um valor concreto como numerário — um rombo considerável na jorna de um dia de trabalho e, como tal, matéria de regateio; mas dois dinheiros...!

— Aqui tem — afirmou, dando um passo em frente e entregando os dois dinheiros ao portageiro. — Deixe passar a rapariga. — Dizendo isto, olhou para ela; ela ouvira as suas palavras e baixou os olhos.

As feições de Gabriel aderiam tão perfeitamente a esse meio-termo entre a beleza de São João e a fealdade de Judas Iscariotes — tal como se achavam representados num vitral da igreja que ele frequentava — que não havia nelas um único traço que pudesse ser escolhido e considerado merecedor seja de atenção ou de notoriedade. E a donzela da jaqueta vermelha e do cabelo preto parecia pensar o mesmo, pois olhou-o de relance com displicência e ordenou ao seu homem que seguisse viagem. Talvez tivesse ponderado agradecer a Gabriel, mas não o verbalizou; o mais provável era não se sentir de todo grata, porque, ao dar-lhe a ganhar a sua livre passagem, ele fizera-a perder a discussão, e é sabido como acolhem as mulheres os favores desta natureza.

O portageiro ficou a ver o veículo que se afastava.

— Aí está uma linda rapariga — disse para Oak.

— Mas tem os seus defeitos — replicou este.

— Verdade, lavrador.

— E o maior deles todos é... enfim, o que sempre foi.

— O regateio? Sim, é como diz.

— Ah, não!

— O quê, então?

Talvez um pouco ressentido com a indiferença da bonita viajante, Gabriel olhou de relance para trás, para a sebe de onde assistira ao seu espetáculo, e disse:

— A vaidade.

CAPÍTULO DOIS

Noite — O Rebanho — Um Interior — Um Outro Interior

Era quase meia-noite na véspera de São Tomé¹², o dia mais curto do ano. Um vento desolador vindo de norte errava sobre a colina onde, à luz do sol de há uns dias, Oak tinha observado a carroça amarela e a sua ocupante.

Norcombe Hill — não muito distante da solitária Toller-Down — era um desses lugares que sugeria ao viandante estar na presença de uma forma tão próxima do indestrutível como qualquer uma neste mundo pode ser. Era uma indistinta conve-xidade de terra e cal — um espécime comum dessas protube-râncias do globo, de suaves contornos, que podem permanecer inabaláveis nalgum dia de grande tumulto, enquanto monta-nhas de longe mais altas e vertiginosas falésias de granito se des-moronam.

A norte, revestia a colina uma antiga e decrépita plantação de faias, cuja orla superior formava uma linha sobre a cumeeira, guar-necendo a sua curva arqueada de uma franja que se recortava no fundo do céu, como uma crina. Nessa noite, estas árvores abriga-vam a encosta sul das rajadas mais fortes, que embatiam na madeira e nela se derramavam com um murmúrio de protesto, dissipando-se sobre os seus ramos cimeiros num gemido vencido. As folhas secas caídas no valado estuavam e ferviam nestas mesmas turbulências, uma língua de ar pescando uma aqui e outra ali e lançando-as sobre a erva em rodopio. No meio deste turbilhão de folhas mortas, um grupo ou dois das mais tardias na estação

tinham perdurado nos seus galhos até àquele solstício de inverno e, ao desprenderem-se, fustigavam os troncos com sucessivas pancadinhas.

Entre esta colina em parte arborizada e em parte calva e o vago horizonte suspenso que o seu cume indistintamente dominava, estendia-se uma misteriosa faixa de sombra insondável — os sons que dela procediam sugerindo que aquilo que ocultava fraca semelhança possuía com as formas desta vida. As ervas finas que esparsamente recobriam a encosta eram assaltadas pelo vento em brisas de poderes discordantes, e quase dissonantes naturezas — uma esmagando-as com violência, a outra trespassando-as com o seu frio glacial, a terceira a florando-as como uma vassoura macia. O instinto do género humano seria deter-se ali e escutar, descobrindo como as árvores à direita e as árvores à esquerda trocavam prantos ou cânticos, nas compassadas antifonias de um coro de catedral; e como as sebes e outros vultos a sotavento repercutiam a mesma nota, reduzindo-a ao mais terno dos lamentos; e como, enfim, a rajada urgente mergulhava a sul, para não mais ser ouvida.

O céu estava límpido — extraordinariamente límpido — e parecia que a cintilação de todas as estrelas era o latejar de um só corpo regulado por um pulso comum. A Estrela Polar estava orientada no sentido do vento e, desde a tardinha, a Ursa Maior girara à sua volta para leste, até formar um ângulo reto com o meridiano. Uma diferença de cor nas estrelas — mais vezes lida nos livros do que observada em Inglaterra — era aqui efetivamente perceptível. O soberano esplendor de Sírio feria o olhar com uma fulguração metálica, a estrela chamada Capela era amarela. Aldebarã e a Betelgeuse brilhavam com um vermelho-ígneo.

Para quem está sozinho numa colina a meio de uma noite límpida como esta, a rotação do planeta para leste é um movimento quase palpável. A sensação talvez seja suscitada pelo vogar panorâmico das estrelas a passarem sobre os objetos terrestres — perceptível ao fim de alguns instantes de imobilidade —, a menos que nasça do ponto de vista privilegiado sobre o espaço que uma elevação proporciona, ou ainda do vento ou da solidão. Mas, seja qual for a sua origem, a impressão de seguir nessa viagem é vívida e duradoura. Fala-se muito na poesia do movimento. Para apreciar a forma épica deste deleite, é necessário permanecer parado numa

colina a uma hora avançada da noite: ao deixarmo-nos habitar pelo sentimento da diferença que nos separa dessa massa de humanidade civilizada então enredada nos seus sonhos e alheia a todos estes processos, é-nos permitido contemplar demorada e silenciosamente o nosso majestoso progresso através das estrelas. No fim de semelhante exploração noturna, será difícil regressar à Terra e acreditar que a consciência de tão excelsa velocidade decorreu de um ínfimo corpo humano.

De súbito, uma série de sons inesperados fez-se ouvir nas alturas. Possuía uma nitidez que não se encontra no sopro do vento e uma sequência distinta de tudo o que é natural. Eram as notas da flauta do lavrador Oak.

A melodia não flutuava no ar sem impedimento: parecia, de certo modo, abafada e era demasiado fraca para se propagar. Vinha de uma pequena massa escura por baixo da sebe que delimitava o bosque — o abrigo de um pastor —, ao qual um leigo teria grande dificuldade, nesse instante, em atribuir um sentido ou uma utilidade.

A imagem no seu conjunto era a de uma pequena arca de Noé sobre um monte Ararat em miniatura, evocando os traços tradicionais e a forma geral da arca que são recuperados pelos fabricantes de brinquedos — e que assim se inscrevem na imaginação dos homens como uma das suas mais duradouras, porque mais antigas, impressões. O abrigo assentava sobre umas pequenas rodas que o erguiam cerca de um palmo acima do chão. Tais casebres são puxados para os campos quando chega a estação das partições, para acolher o pastor na sua forçada vigília noturna.

Não fazia muito tempo que as pessoas tinham começado a tratar Gabriel por «lavrador» Oak. Durante os últimos doze meses, graças a uma persistente e esforçada diligência e a uma boa disposição crónica, fora-lhe permitido arrendar a pequena quinta de ovelhas de que Norcombe Hill fazia parte, e abastecê-la de duzentas cabeças. Antes disso, Oak tinha sido maioral durante um curto período de tempo e, antes ainda, fora apenas um pastor, habituado desde a infância a ajudar o pai a cuidar dos rebanhos de grandes proprietários, até o velho Gabriel se deitar na sua última morada.

Lançar-se só e sem ajudas à cabeça desta aventura pelos caminhos da lavoura, enquanto seu próprio chefe e já não subordinado,

e com um adiantamento de gado que ainda não fora pago, era uma conjuntura arriscada, da qual Gabriel Oak tinha plena consciência. O primeiro passo na sua nova demanda era o parto das ovelhas e, sendo um entendido na matéria desde tenra idade, com sensatez se coibiu de delegar a tarefa de cuidar delas nessa estação a um jornaleiro ou a um aprendiz.

O vento continuava a açoiar os flancos do abrigo, mas o som da flauta cessou. Um retângulo de luz recortou-se num dos lados e, na abertura, desenhou-se a silhueta do lavrador. Gabriel levava uma lanterna na mão e, fechando a porta atrás dele, deu alguns passos e atarefou-se durante quase vinte minutos num escaninho do campo, a luz da lanterna ora aparecendo ora desaparecendo e alumando-o ou escurecendo-o, consoante ele se encontrava à frente ou atrás dela.

Os movimentos de Oak, embora animados por uma energia silenciosa, eram lentos, e esta ponderação decorria da natureza da tarefa. Sendo a aptidão o fundamento da beleza, ninguém poderia negar que os seus gestos firmes e os seus vaivéns para dentro e para fora do rebanho possuíam elementos de graça. Contudo, e ainda que, se a ocasião assim o ditasse, ele fosse capaz de fazer ou pensar algo com a mesma rapidez de Mercúrio¹³ de que são useiros os homens da cidade, de nascença a ela mais afeitos, o seu poder moral, físico e mental era estático, por regra pouco ou nada devendo à velocidade.

Uma inspeção mais atenta das imediações, mesmo à luz difusa das estrelas, revelava que o lavrador se apropriara de uma parte daquilo que, de forma imprecisa, poderia ser chamado uma vertente inculca, para cumprir o seu grande desígnio desse inverno. Em vários pontos dispersos, tinham sido enterradas no solo partes de sebes cobertas de colmo. E, no meio e por baixo delas, as formas esbranquiçadas das suas mansas ovelhas moviam-se e sussurravam. O tinido dos badalos, que, durante a ausência de Oak, estivera silencioso, fez-se de novo ouvir, em tons que eram mais aveludados do que cristalinos, devido ao crescimento da lã em redor do metal. O som prolongou-se até o pastor voltar a retirar-se do rebanho. Ao regressar ao seu abrigo, levava nos braços um cordeiro recém-nascido, o qual consistia em quatro pernas tão compridas como as de uma ovelha adulta, unidas por uma aparentemente

insignificante membrana, que não tinha mais de metade do peso do conjunto dos membros, formando o corpo inteiro do animal naquele momento.

Gabriel pousou a delicada centelha de vida num tufo de feno diante da pequena salamandra, onde fervia um pote de leite. Depois, apagou a luz da lanterna, soprando para a chama e apertando em seguida o morrão, e o casebre ficou apenas iluminado por uma vela suspensa de um arame torcido. Uma enxerga bem dura, feita de algumas sacas de milho lançadas para o chão sem cuidado, ocupava metade daquela exígua morada. Nela, o jovem estendeu-se, afrouxou o lenço de lã e fechou os olhos. Demorando o mesmo tempo que levaria uma pessoa não acostumada ao trabalho físico a decidir para que lado ia deitar-se, o lavrador Oak adormeceu.

O interior do abrigo, tal como agora se apresentava, era acolhedor e atraente. Acrescentando-se à luz da vela, a língua de fogo vermelha do forno emprestava a sua cor genial a tudo o que alcançava, sublimando utensílios e ferramentas. Apoiado a um canto, estava o cajado do pastor. Em cima de uma prateleira, numa das paredes, havia garrafas e caixas de lata que continham os preparados simples da ovina ciência e cirurgia; sendo os principais o álcool etílico, a terebintina, o alcatrão, a magnésia, o gengibre e o óleo de rícino. Numa prateleira triangular, de canto, havia pão, toucinho, queijo e um copo de cerveja ou sidra, vertidas de um frasco arrumado em baixo. Ao lado destas provisões, fora pousada a flauta, cujas notas tinham sido ainda há pouco evocadas pelo solitário vigilante para iludir o tédio das horas. A casa era ventilada por dois buracos redondos, semelhantes às escotilhas da cabina de um navio, munidos de corredeiras de madeira.

O cordeiro, reanimado pelo calor, começou a balir, e o som registou-se nos ouvidos de Gabriel e no seu cérebro com um significado imediato, como acontece com os sons que esperamos ouvir. Transitando das profundezas do sono para a vigília mais atenta com a mesma facilidade com que fizera a operação inversa, consultou o relógio, reparou que o ponteiro das horas tornara a deslizar, pôs o chapéu, pegou no cordeiro ao colo e levou-o para dentro da escuridão. Depois de depositar o pequeno animal junto da mãe, levantou-se e examinou o céu com cuidado, a fim de calcular a hora da noite a partir da posição das estrelas.

Sírio e Aldebarã, apontando para as trémulas Plêiades, já tinham percorrido metade do seu caminho na zona austral do firmamento, e entre elas sustinha-se Oriente, constelação magnífica que agora brilhava com mais fulgor do que nunca, pairando lá no alto, sobre os limites da paisagem. Castor e Pólux, com o seu brilho discreto, tinham quase alcançado o meridiano: o ermo e sombrio Quadrado de Pégaso fazia a sua curva lenta para noroeste; ao longe, no fundo do bosque, Vega faiscava como uma lanterna suspensa sobre o arvoredo despido, e a cadeira de Cassiopeia equilibrava-se com elegância nos ramos mais altos.

— Uma da manhã — concluiu Gabriel.

Não sendo um homem desprovido de uma consciência assídua de que havia encanto na vida que levava, deixou-se ficar imóvel a contemplar o céu, já não como seu útil instrumento, mas num espírito apreciativo, como se estivesse perante uma obra de arte superlativa. Por instantes, dir-se-ia comovido com a eloquente solidão da cena, ou antes, com essa ausência tão absoluta das imagens e dos sons do homem. As formas humanas, as interferências, os cuidados e as alegrias eram todos como se não fossem, e ele sentia-se o único habitante senciente do hemisfério agora mergulhado na escuridão; podia até imaginar que todos se tinham sumido para o lado ensolarado do planeta.

Assim entretido, com olhos que a lonjura alcançavam, Oak apercebeu-se aos poucos de que o ponto luminoso que antes lhe parecera uma estrela baixa na orla dos campos era, na verdade, algo bem diferente. Tratava-se de uma luz artificial, quase à mão de semear.

Verem-se sós, à noite, apesar de desejarem e até esperarem companhia, enche certas pessoas de temor; mas é um caso de longe mais desesperante descobrir-se uma misteriosa companhia quando a intuição, os sentidos, a memória, a analogia, o testemunho, a probabilidade e a indução — toda a panóplia de provas que figura na lista da lógica — se uniram para persuadir a consciência de que se encontra no mais perfeito isolamento.

O lavrador Oak dirigiu-se ao bosque e abriu caminho pelos seus ramos mais baixos até chegar ao lado ventoso. Um volume indistinto aninhado na encosta recordou-lhe que havia ali um casebre cuja presença interrompia a silhueta da colina, de tal modo que,

nas traseiras, parte do telhado se achava quase ao nível do solo. A fachada era constituída por tábuas pregadas a estacas e revestidas de um alcatrão protetor. Pelas gretas do telhado e das paredes saíam agulhas e feixes de luz que, combinados, produziam a claridade que o tinha atraído até ali. Ele aproximou-se por detrás e, empoleirando-se sobre o telhado, com o olho encostado a uma das gretas, passou a ver o interior com nitidez.

O lugar continha duas mulheres e duas vacas. Ao lado destas, via-se um puré de farelo a fumegar dentro de um balde. Uma das mulheres já passara a meia-idade. A outra parecia ser jovem e bonita. Ele não conseguia, porém, formar uma opinião definitiva a respeito da sua beleza, pois, encontrando-se a rapariga mesmo por baixo do seu posto de observação, estava a vê-la de cima, como o Satanás de Milton viu pela primeira vez o Paraíso¹⁴. Ela não tinha coifa ou chapéu, mas embrulhara-se num manto largo, com que descuidadamente cobria a cabeça.

— Pronto, já podemos ir para casa — disse a mais velha das duas, pousando nas ancas os nós dos dedos e contemplando a cena no seu conjunto.

— Espero sinceramente que *Daisy*, agora, dê a volta. Nunca tive tanto medo na vida, mas não me importo de interromper o meu descanso, se ela recuperar.

A rapariga, cujas pálpebras pareciam fechar-se à mínima promessa de silêncio, bocejou sem abrir os lábios mais do que seria conveniente, contagiando Gabriel, que deixou escapar um pequeno bocejo de empatia.

— Oxalá fôssemos ricas para poder pagar a um homem para fazer estas coisas — comentou ela.

— Como não somos, temos de fazê-las nós próprias — replicou a outra —, e tu tens de ajudar-me, se ficares.

— O meu chapéu é que já se foi — acrescentou a mais nova. — Voou para o outro lado da sebe, parece-me. E pensar que uma brisa tão fraca o levaria...

A vaca que estava de pé era da raça *devon* e revestia-a uma pelagem espessa e quente de um denso almagre. A cor era tão uniforme dos olhos até à cauda como se o animal tivesse sido mergulhado num banho de tinta. O seu lombo comprido era rigorosamente plano. A outra era malhada, com manchas cinzentas e brancas. Ao

seu lado, Oak reparava agora, havia um pequeno bezerro de um dia de idade, que olhava pasmado para as duas mulheres, o que mostrava que mal se habituara ainda à visão. Virava-se muitas vezes para a lanterna, que parecia confundir com a Lua, pois não houvera ainda tempo para que o instinto herdado fosse corrigido pela experiência. Entre as ovelhas e as vacas, Lucina¹⁵ tinha andado atarefada, nesses últimos tempos, em Norcombe Hill.

— Devíamos ter encomendado uma porção de aveia — disse a mulher mais velha. — Já não há farelo.

— Sim, tia; e eu vou a cavalo buscá-la assim que o dia raiar.

— Mas não temos uma sela de senhora.

— Eu consigo montar na outra, confie em mim.

Ao ouvir esta troca de palavras, Oak ficou ainda mais interessado em ver as feições da rapariga, mas, sendo-lhe negada a possibilidade pelo efeito ocultador do manto, e pela posição aérea em que se achava, teve de recorrer à imaginação em busca de mais pormenores. Mesmo quando temos sobre o mundo uma perspectiva horizontal e desimpedida, colorimos e moldamos o que os olhos trazem de acordo com as vontades que nos habitam. Tivesse Gabriel conseguido, desde o princípio, uma imagem nítida do semblante da rapariga, a intuição de uma beleza excepcional ou mediana teria sido determinada pela circunstância de a alma lhe pedir, nesse momento, uma divindade ou de já ter sido provida de uma. Como já sentia há algum tempo a falta de uma forma capaz de preencher o vazio que nele ia crescendo, e dando-lhe o contexto maior alcance à fantasia, pintou-a uma beleza.

Por uma daquelas bizarras coincidências em que a natureza, mãe azafamada, consegue roubar um momento à sua incessante labuta para se virar para os seus filhos e fazê-los sorrir, a rapariga deixava agora cair o manto e, atrás dele, derramaram-se canudos de cabelo preto sobre uma jaqueta vermelha. Oak reconheceu-a de imediato como sendo a heroína da carroça amarela, da murta e do espelho: dito de forma prosaica, como sendo a mulher que lhe devia dois dinheiros.

Elas tornaram a depositar o bezerro ao lado da mãe, pegaram na lanterna e saíram, a luz afundando-se ao longo da encosta da colina até não ser mais do que uma pequena nébula. Gabriel regressou ao seu rebanho.

CAPÍTULO TRÊS

Rapariga a Cavallo — Uma Conversa

O dia rompeu preguiçosamente. Por nenhuma razão particular a não ser o facto de o incidente dessa noite ter ocorrido ali, Oak regressou ao bosque, cuja posição era agora o elemento de um novo interesse. Enquanto passeava, meditando, ouviu o trote de um cavallo no sopé da colina. E, daí a pouco, avistou um pônei baio, montado por uma rapariga, a subir o caminho que conduzia ao casebre do gado. Era a jovem da noite anterior. Ele lembrou-se do chapéu que ela dissera ter perdido no vento; talvez tivesse vindo à sua procura. Então, correu a escrutinar o valado e, ao fim de uma dezena de metros, encontrou-o no meio das folhas. Recolhendo-o do chão, regressou ao seu abrigo. Aqui, escondido, pôs-se a espreitar por uma das escotilhas na direcção em que vinha a cavaleira.

Esta subiu a ladeira e olhou em redor — depois, perscrutou o outro lado da sebe. Gabriel preparava-se para avançar e devolver o objeto perdido quando foi detido por um espetáculo inesperado. O caminho, depois de passar a vacaria, dividia o bosque ao meio. Não era uma passagem equestre, mas um simples trilho pedestre, e a ramagem que crescia na horizontal, a uma altura não superior a dois metros, fechava o acesso aos cavaleiros. A rapariga, que não trazia um traje de montar, olhou à sua volta como se quisesse assegurar-se de que não havia ali valmalma e, num movimento hábil, lançou as costas para trás até ficar deitada sobre o dorso do cavallo, com a cabeça assente na garupa do animal, os pés plantados nos seus ombros e os olhos postos no céu. Tinha deslizado para esta posição

com a rapidez de um pica-peixe — e o silêncio de um falcão. Os olhos de Gabriel mal tinham conseguido segui-la. O pônei alto e esgaldado parecia acostumado a este hábito, avançando a furto-passo, des preocupado. E assim passou a cavaleira por baixo do túnel de ramos.

A jovem acrobata parecia à vontade em qualquer posição compreendida entre a cabeça da montada e a sua garupa e, deixando de ter pretexto, finda a travessia da plantação, para esta invulgar atitude, adotou uma nova, ainda mais conveniente do que a primeira. Não dispondo de sela de senhora, via-se bem que lhe custava manter-se firme, no couro liso, se montasse de lado. Por isso, recuperou num ápice a posição vertical, como um ramo jovem que tivesse sido dobrado, e, certificando-se de que não havia ninguém à vista, sentou-se da maneira exigida pela sela, ainda que pouco esperada da parte de uma mulher. Depois, seguiu a trote na direção de Tewnell Mill.

Divertido e talvez um pouco admirado com este espetáculo, Oak pendurou o chapéu dentro da cabana e regressou para junto das suas ovelhas. Dali a uma hora, a rapariga voltou, desta vez devidamente sentada, com uma saca de farelo à frente do corpo. Ao aproximar-se da vacaria, cruzou-se com um rapaz que trazia uma selha de ordenha e que lhe segurou nas rédeas do pônei enquanto ela descia. O rapaz levou o cavalo, deixando-lhe a selha.

Dali a instantes, uma cadência de esguichos suaves alternados com outros mais estridentes fez-se ouvir em redor da vacaria — eram os sons inequívocos de uma pessoa a ordenhar uma vaca. Gabriel levou na mão o chapéu perdido e esperou na berma do caminho que ela tomaria para sair da colina.

Por fim, a rapariga apareceu, de selha na mão, suspensa à altura do joelho. Trazia o braço esquerdo esticado, em busca de equilíbrio, e o que Oak viu nele de pele desnuda fê-lo desejar que fosse verão, altura em que a totalidade lhe seria revelada. Tudo nela agora era alegria, com isso parecendo insinuar que o lado cobiçável da sua existência não podia ser questionado; e essa atrevida pretensão não chegava a ser ofensiva, porque quem a visse saberia, no fundo, que era verdade. Tal como a ênfase excecional no tom de um gênio, aquilo que tornaria ridícula a mediocridade só reforçava, naquele caso, o poder reconhecido. Foi com algum espanto que ela viu o rosto de Gabriel erguer-se, como a Lua, por detrás da sebe.

Entre a ideia vaga que o lavrador guardara dos seus encantos e o retrato que, naquele momento, ela lhe oferecia, havia uma diferença que não desiludia. O ponto de partida do escrutínio foi a sua altura. Ela parecia alta, mas a selha era pequena e a sebe muito baixa; assim sendo, dado o desconto ao erro que a comparação induzia, talvez a sua altura não superasse aquela que, idealmente, uma mulher devia ter. Todos os traços relevantes eram sóbrios e harmoniosos. Aqueles que percorrem os condados em busca de beleza talvez já tenham podido observar que, na mulher inglesa, é raro encontrar um rosto de formas clássicas unido a uma silhueta com o mesmo desenho: as feições mais primorosas são, de um modo geral, demasiado largas para o resto do corpo; e uma graciosa e bem proporcionada figura de oito cabeças¹⁶ costuma perder-se em curvas faciais incertas. Sem querer lançar um véu de ninfa sobre a leiteira, convém dizer que, neste caso, a crítica não teria razão de ser, nascendo da sua contemplação um prazer duradouro e consciente. Os contornos da parte superior do corpo deixavam adivinhar um pescoço e uns ombros magníficos; ainda que, desde a sua infância, mais ninguém a não ser ela os tivesse visto. Caso fosse obrigada a usar um vestido mais decotado, teria corrido a esconder a cabeça num arbusto. No entanto, não se tratava de modo algum de uma rapariga tímida; era apenas o seu instinto traçar a linha que separa o visível do invisível mais acima do que fazem nas cidades.

Natural e quase inevitável, os seus pensamentos a floraram-lhe ao rosto assim que sentiu o olhar de Oak pousado nela. A autoconsciência então revelada teria sido vaidade se um pouco mais pronunciada, dignidade se um pouco menos. Nos distritos rurais, o olhar dos homens parece fazer cócegas no rosto das virgens; e a jovem esfregou o dela com a mão, como se Gabriel lhe tivesse irritado a superfície rosada com um toque concreto, a liberdade anterior dos seus movimentos reduzindo-se agora a uma versão mais casta de si própria. Dito isto, foi o homem que corou, e a donzela não corou de todo.

— Encontrei um chapéu — afirmou Oak.

— É o meu — replicou ela e, contendo num pequeno sorriso a vontade de uma risada, ainda disse: — Voou-me das mãos ontem à noite.

— À uma da manhã?

— Sim... precisamente.

Estava surpreendida.

— Como é que sabe? — inquiriu.

— Eu estava aqui.

— O senhor é o lavrador Oak, não é?

— Sim, é isso, mais ou menos. Foi há pouco que vim para este lugar.

— É uma quinta grande? — perguntou ela, olhando em redor e afastando o cabelo para trás, que era preto nas sombras mais fundas do seu volume, mas, como o Sol já nascera há mais de uma hora, recebia em certas mechas os seus reflexos dourados.

— Não; não é grande. Cerca de cem. — (Ao falarem de quintas, os nativos omitem a palavra «acres», por analogia com expressões antigas como «um veado de dez».)

— Precisei do meu chapéu esta manhã — acrescentou a rapariga. — Tive de ir a Tewnell Mill.

— Sim, eu sei.

— Como é que sabe?

— Vi-a.

— Onde? — insistiu ela, um mau pressentimento paralisando-lhe todos os músculos.

— Aqui, quando atravessou o pequeno bosque e desceu a encosta da colina — respondeu o lavrador Oak, fitando um ponto longínquo na direção indicada, como se a cena lhe acudisse inteira ao pensamento, antes de olhar de novo para a sua interlocutora.

E logo desviou os olhos, com a culpa de quem fora apanhado a roubar. A recordação do estranho malabarismo a que ela se entregara ao passar pelo túnel de árvores suscitou na rapariga uma palpitação irritada, seguida de um ardor no rosto. Foi a ocasião de ver corar uma mulher que, por regra, não era dada a rubores; não havia um milímetro de pele da leiteira que não se tivesse tingido do mais intenso matiz de rosa. Evoluindo do Rubor de Donzela ao Carmesim da Toscana¹⁷, sem deixar de passar por todas as gradações da Provença, a tez da jovem que Oak conhecera foi subindo de tom; até que, por respeito, ele virou a cabeça para o outro lado.

Solidário, manteve o olhar desviado, perguntando-se quando recuperaria ela frieza suficiente para poder ser de novo contemplada. Foi então que lhe pareceu ouvir uma folha morta a adejar na brisa, e olhou. Ela já tinha desaparecido.

Com um ar tragicômico, Gabriel regressou ao trabalho.

Cinco manhãs passaram, e cinco noites. A jovem veio regularmente ordenhar a vaca saudável e tratar da enferma, mas nunca permitia que os seus olhos se desviassem na direção de Oak. A sua falta de tato ofendera-a profundamente — não por ele ter visto o que não podia ter evitado ver, mas por ter-lhe dado sinal de que o vira. Assim como sem lei não há pecado, sem olhos não há indecência; e ela parecia sentir que o olhar de Gabriel a transformara numa mulher indecorosa, sem a sua convivência. Era nele matéria de grande arrependimento; e também um *contretemps* que dera vida a um calor latente.

Este encontro poderia, no entanto, ter terminado num lento esquecimento, não fora o incidente que teve lugar no fim dessa semana. Uma tarde, o tempo arrefeceu e a geada intensificou-se com a chegada da noite, que se arrastou de mansinho, como um silencioso estreitar de laços. É uma estação em que, nas quintas, o hálito dos que dormem gela nos lençóis; e em que, no salão de uma mansão de paredes grossas, as pessoas sentadas à lareira têm as costas frias, apesar de sentirem os rostos ardentes. Nessa noite, muitas crias de pássaro regressaram de barriga vazia aos seus ninhos nas árvores despidas.

Quando a hora da ordenha se aproximou, Oak retomou o seu posto de vigia nos arredores da vacaria. Mas acabou por sentir frio e, depois de reforçar a quantidade de feno em redor das ovelhas que pariam, entrou na sua cabana e acrescentou combustível ao forno. O vento entrava por debaixo da porta. Para evitá-lo, encostou ali uma saca e puxou a enxerga um pouco mais para o lado sul. O vento jorrou, então, pelos ventiladores — e havia um em cada flanco do abrigo.

Gabriel sabia muito bem que, quando o forno estava aceso e a porta fechada, um destes orifícios devia ficar aberto — tendo o cuidado de escolher sempre o do lado abrigado do vento. Fechando a corrediça a barlavento, virou-se para abrir a outra, mas reconsiderou. Decidiu esperar uns minutos até a temperatura no interior do abrigo subir um pouco. E sentou-se.

Foi, contudo, acometido de uma violenta dor de cabeça e, julgando-se esgotado pelas vigílias das noites precedentes, decidiu levantar-se, abrir o respiradouro e deitar-se um pouco. Não conseguiu, porém, cumprir o primeiro gesto antes de sucumbir.

Oak nunca chegou a saber quanto tempo ficara desmaiado. Durante os primeiros instantes do seu regresso à consciência, pareceu-lhe que algo de singular acontecia à sua volta. O seu cão estava a uivar, a cabeça doía-lhe de forma assustadora — e alguém o puxava de um lado para o outro, tentando desatar-lhe o lenço do pescoço.

Ao abrir os olhos, viu que a tarde se adensara em crepúsculo de uma forma inusitada. A jovem dos lábios belos e dos dentes brancos encontrava-se ao seu lado. Mais do que isso — o que não cessava de surpreendê-lo —, tinha a cabeça pousada no regaço da leiteira, uma desagradável sensação de humidade no rosto e no pescoço, e os dedos dela tentavam, nesse momento, desabotoar-lhe o colarinho.

— O que se passa? — perguntou, com um ar ausente.

Ela parecia contente de o ouvir, mas não o suficiente para deixar escapar o riso.

— Nada, agora — respondeu —, uma vez que não está morto. É um milagre não ter sufocado dentro da sua cabana.

— Ah, a cabana! — murmurou ele. — Dei dez libras por esta cabana. Mas vou vendê-la e instalar-me por baixo de cercas cobertas de colmo, como se fazia nos velhos tempos, e enrolar-me a dormir num monte de palha! Pregou-me quase a mesma partida no outro dia! — Num gesto enfático, bateu com o punho no chão.

— Não foi propriamente culpa da cabana — observou ela, num tom que a revelava como sendo uma novidade entre as mulheres: pois terminava um pensamento antes de começar a frase que o enunciava. — Devia, a meu ver, ter refletido primeiro e não ter cometido a imprudência de deixar as correições fechadas.

— Sim, penso que devia — replicou Oak, distraidamente.

Estava a tentar apreender e saborear a sensação de encontrar-se assim tão perto dela, com a cabeça pousada no seu vestido, antes de o momento se perder na amálgama das coisas passadas. Desejou que a rapariga soubesse o que ele sentia; mas era tão incapaz de reter o inefável sentimento nas malhas vulgares da linguagem como de agarrar um perfume com uma rede. Por isso, ficou em silêncio.

Ela fê-lo sentar-se, e Oak começou a limpar o rosto e a sacudir-se como um Sansão¹⁸.

— Como posso agradecer-lhe? — perguntou por fim, grato, agora que o seu rosto recuperara um pouco desse vermelho-ferrugem que lhe era natural.

— Ah, não se preocupe com isso — replicou a jovem, sorrindo e guardando o sorriso, para ouvir tudo o que Gabriel pudesse dizer-lhe.

— Como é que me encontrou?

— Ouvi o seu cão a uivar e a arranhar a porta da cabana, quando vinha a caminho da ordenha (foi uma sorte, *Daisy* já não dá mais leite esta estação, e não voltarei aqui depois desta semana ou da próxima). O cão viu-me, correu para mim e puxou-me a saia. Segui-o até aqui e olhei de imediato para os lados do casebre, para ver se as corrediças estavam fechadas. O meu tio tem um abrigo como este e já o ouvi dizer aos pastores que não se deitem sem deixar, pelo menos, um orifício aberto. Quando abri a porta, vi-o, parecia morto. Como não havia água, atirei-lhe o leite à cara, esquecendo que estava morno e que seria inútil.

— Pergunto-me se não poderia ter morrido? — cogitou Gabriel, numa voz baixa que mais parecia falar para dentro do que para ela.

— Oh, não! — retorquiu a rapariga, preferindo uma versão menos trágica; ter salvado um homem da morte exigiria um diálogo em tom mais solene, que fizesse justiça à dignidade do ato, e ela queria evitá-lo a todo o custo.

— Creio que me salvou a vida, menina... Não sei como se chama. Sei qual é o nome da sua tia, mas não o seu.

— Preferia não o dizer. É melhor não. Não vejo motivo para o fazer, já que é muito provável que o senhor e eu não tenhamos nada a ver um com o outro no futuro.

— Ainda assim, gostava de saber.

— Pode indagar em casa da minha tia, ela dir-lho-á.

— Eu chamo-me Gabriel Oak.

— E eu não. Mas o senhor parece gostar do seu nome para o dizer de forma tão decisiva, Gabriel Oak.

— Sabe, é o único que alguma vez terei e tenho de tirar dele o melhor proveito.

— Sempre achei que o meu tinha uma ressonância estranha e desagradável.

— Estou em crer que talvez não tarde a arranjar um novo.

— Haja piedade! Quantas opiniões tem o senhor a respeito das outras pessoas, Gabriel Oak?

— Perdoe-me, menina, pensei que ia gostar das minhas palavras. Mas não estou à sua altura, bem sei, quanto a pôr na boca o que me vai na alma. Nunca fui bom conversador. Mas agradeço-lhe. Vamos, dê-me a sua mão.

Ela hesitou, algo desconcertada com o desfecho solene e antiquado que Oak queria dar àquela ligeira troca de palavras.

— Muito bem — disse, estendendo-lhe a mão e cerrando os lábios, mais reservada.

Ele segurou-lhe na mão apenas um instante e, com receio de ser demasiado explícito, pecou pelo extremo oposto, tocando-lhe nos dedos com a timidez de uma pessoa pouco dada.

— Peço-lhe desculpa — apressou-se a dizer.

— De quê?

— Por largar a sua mão tão depressa.

— Pode tê-la de volta se quiser; aqui a tem.

Ela estendeu-lhe a mão novamente.

Oak segurou-a por mais tempo desta vez — demasiado, na verdade.

— Como é macia, apesar do inverno. Sem gretas, ou asperezas, nada! — observou.

— Pronto. É suficiente — disse ela, sem retirar a mão. — Mas talvez esteja a pensar que gostaria de beijá-la? Pode fazê-lo, se quiser.

— Não imaginei tal coisa — limitou-se a dizer Gabriel —, mas posso...

— Ai, isso é que não pode!

Bruscamente, retirou a mão. Gabriel sentiu-se culpado por esta segunda falta de delicadeza.

— Agora, descubra o meu nome — disse ela, provocando-o. E afastou-se.

CAPÍTULO QUATRO

A Decisão de Gabriel — A Visita — O Erro

Em regra, a única superioridade que um homem tolera numa mulher é a de natureza não consciente; porém, a superioridade que se reconhece a si própria pode, por vezes, tornar-se agradável se sugerir ao amante subjugado a possibilidade da sua captura.

A bela e amável rapariga não tardou a ganhar terreno nos pensamentos do jovem lavrador.

Sendo o amor um usurário de extrema exigência (no plano espiritual, a perspectiva de um lucro exorbitante preside, pela permuta de corações, às paixões puras, assim como, no plano físico ou material, está na origem dos desejos de índole mais baixa), a cada manhã, a evolução dos sentimentos de Oak era tão sensível como o mercado monetário quando se tratava de fazer o cálculo das suas probabilidades. A ansiedade com que o cão do lavrador esperava que ele lhe desse as refeições assemelhava-se tanto à maneira como o próprio dono aguardava a chegada da rapariga que a analogia deixava-o perplexo e, sentindo-a humilhante, o homem recusava-se a olhar para o animal. No entanto, continuou a vigiar pela sebe a sua aparição rotineira e, desta forma, as emoções que a leiteira lhe inspirava tornaram-se mais intensas de dia para dia, sem que nela houvesse qualquer efeito correspondente. Oak não tinha ainda nada de definitivo ou de preparado para dizer e, não sendo capaz de engendrar essas palavras de amor que terminam onde começam — ditos de paixão

*Cbeios de som e de fúria,
Vazios de significado*¹⁹

—, não disse nada.

Depois de fazer algumas perguntas, descobriu que a rapariga se chamava Bathsheba Everdene e que a vaca secaria no prazo de sete dias. Tinha do oitavo dia grande pavor.

Por fim, o dia chegou. A vaca não daria mais leite nesse ano, e Bathsheba Everdene não tornou a subir a encosta da colina. Gabriel atingira um cúmulo da sua existência que, pouco tempo antes, não lhe teria ocorrido antecipar. Gostava de murmurar «Bathsheba» como um gozo privado, em vez de assobiar; mudou de gosto para os cabelos negros, embora tivesse desde menino confiado mais nos castanhos; isolou-se até o lugar que ocupava na consciência da comunidade se tornar desprezível, de tão pequeno. O amor é uma força possível no seio de uma fragilidade real. O casamento converte uma distração num apoio, cuja solidez devia ser, e muitas vezes felizmente é, proporcional ao grau de imbecilidade que vem redimir. Oak começava agora a ver a luz ao fundo do túnel e disse para si próprio: «Fá-la-ei minha mulher, ou juro pela minha alma que não servirei para coisa nenhuma!»

Durante este tempo todo, tinha dado voltas à cabeça, à procura de um pretexto consistente para visitar a quinta da tia de Bathsheba.

Encontrou a sua oportunidade na ocasião da morte de uma ovelha, cuja cria ainda estava viva. Num desses dias que têm a cara do verão e o coração do inverno — uma bela manhã de janeiro, com um brilho disperso de sol prateado, em que o pouco de céu azul aparente já permite aos bem-dispostos ansiar por mais —, depositou o cordeiro numa respeitável cesta de domingo e, num passo estugado, atravessou os campos até à casa da Sr.^a Hurst, a tia. Ia acompanhado de *George*, o cão, que caminhava atrás dele com o ar de quem não via nada de bom nessa grave reviravolta que parecia sofrer a rotina da vida pastoral.

Tomado por um invulgar devaneio, Gabriel contemplou as espirais de fumo azul que se escapavam da chaminé da casa. À tardinha, imaginou-se a descer ao lugar de onde elas ascendiam — via a lareira e Bathsheba sentada ao seu lado. Via-a no seu vestido de andar na

rua, dado que as roupas que ela tinha usado na colina eram incluídas, por associação à pessoa amada, no universo dos seus afetos. Nesta fase ainda precoce do seu amor, parecia considerá-las um ingrediente indispensável desse doce elixir chamado Bathsheba Everdene.

Oak aprumara-se — escolhera uma indumentária equilibrada, entre o arranjo esmerado e o enfeite casual, apropriada tanto aos belos dias de mercado como aos domingos pluviosos. Limpava meticulosamente a corrente de prata do relógio com greda branca, pusera novos atacadores nas suas botas, verificara os ilhós de latão. Embrenhara-se no bosque em busca de um novo cajado, que polira com gestos vigorosos no caminho de regresso. Fora buscar um novo lenço de bolso ao fundo da sua arca e vestira o colete de tecido leve, com um padrão de elegantes motivos florais que uniam a beleza da rosa à do lírio, sem os defeitos de nenhuma destas flores. Tinha, enfim, esvaziado todo o frasco de óleo capilar nos cabelos por hábito secos, arruivados e inextricavelmente crespos, até lhes ter apurado a cor num tom de esplêndida novidade, entre o guano e o cimento romano²⁰, acachapando-os na cabeça como o arilo se enrola à volta da noz-moscada ou como um limo molhado se cola a um pedregulho na maré baixa.

Nada perturbava a quietude da pequena quinta a não ser o chilrear de um grupo de pardais empoleirados no beiral. Poder-se-ia imaginar que o escândalo e o rumor não eram temas de menor destaque nessas pequenas tertúlias reunidas sobre os telhados do que naquelas que havia por baixo. Mas devia ser um mau augúrio, dada a chegada um tanto aziaga de Oak, que, ao passar o portão do jardim, deu de caras com um gato de pelo eriçado, em diabólicas convulsões por ter avistado o seu cão, *George*. O cão não fez caso, porque já chegara a uma idade em que todo o latido supérfluo é cinicamente evitado como um desperdício de ar — na verdade, nunca ladrava, nem mesmo para as ovelhas, a não ser quando lhes dava uma ordem, coisa que fazia com absoluta neutralidade, numa espécie de cominação que, embora desagradável, era necessária para assustar o rebanho de vez em quando.

Uma voz fez-se ouvir, vinda de trás de uns arbustos de louro para onde o gato fugira a esconder-se:

— Coitadinho! Aquele cão bruto e mau queria matar-te; foi, pobrezinho?

— Peço desculpa — disse Oak para a voz —, mas *George* vinha atrás de mim, manso como um cordeiro.

Antes mesmo de acabar a frase, interrogou-se, apreensivo, com quem estaria a falar. Ninguém se manifestou, e ele ouviu a pessoa recuar para dentro dos arbustos.

Mergulhou, então, numa cisma tão profunda que pequenas rugas lhe nasceram na testa. Quando a circunstância de uma entrevista pode significar tanto uma grande mudança para o pior como para o melhor, qualquer desvio inicial ao que era esperado causa um arrepio de fracasso. Oak dirigiu-se à porta com algum embaraço: a realidade em nada coincidia com as suas previsões, pelo menos nesta primeira fase.

A tia de Bathsheba estava em casa.

— Podia fazer-me o favor de dizer à menina Everdene que alguém gostaria de lhe dar uma palavra? — pediu-lhe o Sr. Oak.

Designar-se a si próprio apenas como «alguém», sem fornecer o nome, não deve ser lido como um exemplo da rudeza das gentes do campo: é apenas a expressão de uma refinada modéstia da qual os cidadãos, com as suas cerimónias e os seus cartões de visita, não possuem a mais pequena noção.

Bathsheba tinha saído. A misteriosa voz era claramente a dela.

— Quer fazer o favor de entrar, senhor Oak?

— Oh, obrigado — respondeu Gabriel, seguindo-a até à lareira. — Trouxe um cordeiro para a menina Everdene. Lembrei-me de que ela podia gostar de criar um; é uma tarefa que agrada às mulheres jovens.

— É possível — disse a Sr.^a Hurst, com um ar pensativo —, embora ela esteja apenas de visita nesta terra. Se quiser esperar um minuto, Bathsheba não tardará a aparecer.

— Sim, eu espero — assentiu Gabriel, sentando-se. — O cordeiro não é bem o assunto que me traz aqui, senhora Hurst. Abreviando, tenciono perguntar-lhe se ela gostaria de se casar.

— Não me diga?

— Sim. Porque, caso queira, terei todo o prazer em casar-me com ela. A senhora sabe se a menina Everdene já tem mais algum pretendente no seu encalço?

— Deixe-me pensar — voltou a Sr.^a Hurst, atijando o fogo sem que houvesse necessidade. — Sim, valha-me Deus, são tantos...

Sabe, lavrador Oak, ela é uma rapariga tão bonita e, além do mais, de uma tal erudição... Já estive para ser governanta, acredita? Mas era demasiado indisciplinada. Não que os seus jovens pretendentes alguma vez tenham vindo até aqui... Mas, Jesus, deve ser da natureza das mulheres, mas ela terá facilmente uma dúzia deles!

— É uma infeliz coincidência — observou Oak, contemplando com pesar uma racha no chão de pedra. — Sou um homem simples, e a minha única hipótese era ser o primeiro a chegar... Bem, de nada me serve esperar, pois foi só para isso que aqui vim; portanto, vou voltar para casa, senhora Hurst.

Quando já tinha percorrido cerca de duzentos metros da encosta, Gabriel ouviu um «ei» atrás de si, num tom mais agudo e melodioso do que seria de esperar de uma exclamação berrada da outra ponta do campo. Olhando em redor, viu uma rapariga a correr ao seu encontro, com um lenço branco na mão.

Oak estacou — e ela aproximou-se. Era Bathsheba Everdene. A tez dele subiu um tom; a dela já vinha acentuada, não talvez da emoção, mas da corrida.

— Lavrador Oak... eu... — disse Bathsheba, parando diante dele para recuperar o fôlego, com a cara inclinada e a mão pousada na anca.

— Vim agora mesmo de fazer-lhe uma visita — explicou Gabriel, aguardando que ela tornasse a falar.

— Sim... eu sei — voltou, ofegante como um pisco-de-peito-ruivo e com o rosto vermelho e húmido do esforço, a fazer lembrar uma pétala de peónia antes de o sol lhe secar o orvalho. — Não sabia que tinha vindo para me ver, ou teria regressado do jardim naquele instante. Vim a correr atrás de si para lhe dizer... que a minha tia cometeu um erro ao dispensá-lo de me cortejar...

Gabriel desabrochou.

— Lamento tê-la feito correr tão depressa, minha amiga — disse ele, com uma gratidão antecipada pelos favores em vista. — Espere um pouco até recuperar o fôlego.

— Foi um grande erro... a minha tia dizer-lhe que eu já tinha um jovem prometido — continuou ela. — Não tenho nenhum namorado... nunca tive e, vendo como os tempos correm para as mulheres, seria uma *grande* pena mandá-lo embora convencido de que eu já tinha vários.

— Fico muito feliz por ouvir isso! — replicou o lavrador Oak, fazendo um dos seus sorrisos de orelha a orelha e corando de satisfação. Depois, estendeu a mão para pegar na dela, a qual, tendo aliviado a anca, se pousara graciosamente sobre o peito, para aquietar o coração que aí batia desgovernado. Mal se tinham tocado, Bathsheba recolheu a mão atrás das costas, e Oak sentiu que a rapariga lhe escapava por entre os dedos, como uma enguia.

— Tenho uma pequena quinta, bem acolhedora — disse ele, já com menos segurança do que a que tinha quando lhe agarrara na mão.

— Sim; é verdade.

— Um homem emprestou-me dinheiro para eu começar, mas a dívida ficará saldada em breve e, embora seja um homem comum, poupei algum dinheiro desde os meus tempos de rapaz.

Gabriel dissera «algum» de maneira a dar-lhe a entender que se tratava de um eufemismo para «muito». Prosseguiu:

— Quando nos casarmos, tenho a certeza de que consigo redobrar os meus esforços.

Inclinando-se para a frente, tornou a estender-lhe a mão. Bathsheba intercetara-o junto de um raquítico arbusto de azevinho, agora carregado de bagas vermelhas. Vendo que o avanço dele assumia a forma de um abraço, se não mesmo de um cerco, ela refugiou-se atrás do arbusto.

— Ora, ora, lavrador Oak — disse, por cima da ramagem, arregalando-lhe os olhos —, eu nunca lhe disse que ia casar-me consigo.

— Ah! *Essa* é boa! — retorquiu Oak, desanimado. — Correr assim atrás de um homem e depois dizer-lhe que não o quer!

— O que eu queria dizer-lhe era apenas isto — esclareceu ela, com veemência, ainda que vagamente consciente da posição absurda em que se colocara —: que ninguém me fez a corte, ao contrário da dúzia de pretendentes que inventou a minha tia. *Odeio* ser vista como uma propriedade dos homens, embora seja possível que, um dia, alguém me venha a ter. É claro que, se eu o quisesse, não teria corrido atrás de si daquela maneira. Teria sido um *atrevisamento*! Mas não há mal nenhum em apressar-me para corrigir uma notícia falsa que lhe deram.

— Ah, não! Nenhum mal.

Temendo ter sido demasiado magnânimo ao precipitar-se neste juízo, Oak acrescentou, pesando melhor as circunstâncias:

— Bem, não tenho a certeza de que não houve mal nenhum.

— Na verdade, não tive tempo para pensar se queria casar-me ou não, porque o senhor já ia do outro lado da colina.

— Vamos — disse ele, espevitando outra vez —, pense um minuto ou dois. Eu espero aqui um bocadinho, menina Everdene. Quer casar-se comigo? Case-se comigo, Bathsheba. Amo-a muito mais do que é comum!

— Vou tentar pensar — considerou ela, mais receosa —, mas não sei se consigo, aqui, ao ar livre; os meus pensamentos tendem a dispersar-se.

— Talvez possa dar-me uma luz.

— Então, dê-me tempo.

Bathsheba olhou, pensativa, para a distância, virando a cara para o outro lado.

— Sei como fazê-la feliz — disse ele, dirigindo-se à nuca da rapariga, do outro lado do arbusto. — Terá um piano daqui a um ano ou dois... Hoje em dia, as mulheres dos lavradores já têm pianos... e eu vou praticar a minha flauta para tocar consigo ao serão.

— Sim; isso agrada-me.

— E vamos ter um desses pequenos cabriolés de dez libras, para ir ao mercado... e belas flores e aves... galos e galinhas, quero eu dizer, porque seriam úteis — acrescentou, sentindo-se dividido entre a poesia e o pragmatismo.

— Isso agradar-me-ia muito.

— E uma pequena estufa para pepinos... como um cavalheiro e a sua dama.

— Sim!

— E, no fim da festa, anunciemo-lo na lista dos casamentos que sai no jornal.

— Tenho a certeza de que ia adorar!

— E os bebês na dos nascimentos... todos eles! E em casa, à lareira, sempre que levantar os olhos, eu vou lá estar... E sempre que eu olhar para cima, vê-la-ei a si.

— Espere, espere, não seja impróprio!

O semblante de Bathsheba desfez-se e ela ficou em silêncio. Gabriel contemplou tão demoradamente as bagas vermelhas que

havia entre os dois que o azevinho tornar-se-ia, mais tarde, um símbolo do seu pedido de casamento. Ela virou-se, então, para ele com um ar decidido.

— Não; não vale a pena — afirmou. — Não quero casar-me consigo.

— Pense bem.

— Tenho estado a tentar, desde que me pus a pensar nisso; porque um casamento até seria muito agradável, num certo sentido. As pessoas iam falar de mim, iam pensar que eu tinha ganho a minha luta, para mim seria um triunfo, para além de tudo o resto. Mas um marido...

— Sim?

— Ora, estaria sempre lá, como diz; sempre que eu levantasse os olhos, ali estaria ele.

— Claro que ele estaria lá, isto é, eu.

— Enfim, o que eu quero dizer é que não me importaria de ser uma noiva no dia do seu casamento, se pudesse dispensar o marido. Mas, uma vez que uma mulher não pode exhibir-se sozinha dessa maneira, não irei casar-me... pelo menos, para já.

— Isso que acabou de dizer não tem pés nem cabeça!

Perante esta crítica, Bathsheba reforçou a sua dignidade recuando um pouco.

— Juro pela minha alma e pelo meu coração que não imagino o que poderia uma donzela dizer de mais disparatado — reforçou Oak. — Mas, minha querida — concedeu, numa voz mitigadora —, não seja assim!

Deixou, então, escapar um suspiro profundo e honesto que, ao fazer lembrar o gemido que se eleva de um bosque de pinheiros, perturbava nitidamente a atmosfera.

— Por que razão não me quer? — suplicou-lhe, esgueirando-se à volta do azevinho para chegar ao lado dela.

— Não posso — replicou Bathsheba, retirando-se.

— Mas porquê? — insistiu ele. E, no desespero de jamais a alcançar, ficou imóvel, olhando-a por cima do arbusto.

— Porque não o amo.

— Sim, mas...

Ela reprimiu um pequeno bocejo, que não chegou a ser uma falta de educação.

— Não o amo — repetiu.

— Mas eu amo-a. E, da minha parte, já me dou por satisfeito se gostar de mim.

— Oh, senhor Oak... Isso é tudo muito bonito! Mas o senhor acabaria por desprezar-me.

— Nunca! — protestou ele, e com tanta veemência que parecia vir lançar-se, pela força das palavras, diretamente nos braços dela. — Uma coisa farei nesta vida, uma coisa certa, que é amá-la, desejá-la e *continuar a esperar por si* até ao dia da minha morte. — A voz de Oak assumira agora um *pathos* genuíno, e as suas mãos grandes e morenas tremeram visivelmente.

— Parece ser uma terrível injustiça não o aceitar quando sente tanto por mim! — disse ela, com uma ligeira aflição, procurando desesperadamente nas imediações uma forma de fugir ao seu dilema moral. — Como me arrependo agora de ter vindo a correr atrás de si!

Mas dir-se-ia que Bathsheba conhecia um atalho para regressar à alegria e, dali a instantes, deu ao rosto um ar travesso.

— Não funcionaria, senhor Oak. Eu preciso de alguém que me saiba domar; sou demasiado independente; e sei que o senhor nunca seria capaz de o fazer.

Ele olhou para o fundo dos campos, como quem desiste de tentar argumentar.

— Senhor Oak — volveu ela, num assomo de franqueza e lucidez —, o senhor está melhor na vida do que eu. Eu não tenho um tostão neste mundo. Vivo com a minha tia porque não disponho de outros recursos. Sou mais culta do que o senhor e não sinto por si qualquer afeto: este é o meu lado nesta história. Agora, vamos analisar o seu: o senhor é um lavrador a lançar-se no ofício; manda a comum prudência, no caso de vir a casar-se (coisa que não devia certamente pensar fazer neste momento), que se associe a uma mulher endinheirada, com posses, capaz de lhe arranjar uma quinta maior do que aquela que tem agora.

Gabriel olhou para ela com alguma surpresa e muita admiração.

— É precisamente o que eu próprio tenho andado a pensar! — observou, ingénuo.

O lavrador Oak possuía demasiadas virtudes cristãs (uma e meia, em bom rigor) para poder triunfar junto de Bathsheba: a sua

humildade e uma metade supérflua de honestidade. E a resposta dele deixou-a desconcertada.

— Bem, nesse caso, por que razão veio incomodar-me? — perguntou ela, quase enfurecida, se não mesmo zangada, uma mancha vermelha despontando-lhe em cada face.

— Não consigo fazer aquilo que julgo ser... que julgo ser...

— A coisa certa?

— Não: sábia.

— O senhor *acabou* de fazer uma confissão, senhor Oak! — exclamou Bathsheba, com redobrada altivez, e abanando a cabeça com desdém. — Depois disto, acha que eu poderia casar-me consigo? Não agora, que sei o que se passa.

Ele explodiu, com paixão.

— Não me entenda mal! Só porque tenho a sinceridade de admitir o que qualquer homem na minha posição teria pensado, vejo-a toda vermelha e abespinhada comigo? Essa história de não estar à minha altura não faz qualquer sentido. A menina fala como uma senhora... a comunidade inteira já reparou... e o seu tio em Weatherbury é, segundo ouvi dizer, um lavrador de grandes posses, maiores do que eu alguma vez terei. Posso vir visitá-la à tardinha ou prefere acompanhar-me aos domingos? Não quero que decida já, se preferir não o fazer.

— Não... não... Eu não posso. Não me pressione mais. Não. Eu não o amo, seria ridículo — rematou, com uma risada.

Nenhum homem gosta de ver os seus sentimentos serem arrastados para uma montanha-russa de caprichos.

— Muito bem — disse ele, numa voz firme, com o ar de quem ia consagrar o resto dos seus dias e noites à leitura do *Eclesiastes*. — Nesse caso, não lho voltarei a pedir.